

## SATURNAIS: UMA ÉPOCA PARA LER MARCIAL

Robson Tadeu Cesila  
[IEL/UNICAMP]

### ABSTRACT

Les Saturnales apparaissent souvent dans la production poétique de Martial. Elles sont parfois simplement citées et servent comme décor du thème principal de l'épigramme. D'autres fois, elles sont le sujet principal et surgissent dans des métapoèmes, dans lesquels Martial associe la poésie épigrammatique aux Saturnales, parce que les deux se caractérisent par l'aspect ludique, agréable, libre voire licencieux et libertin.  
*Mots-clés:* épigrammes, Martial, Saturnales, métapoésie.

As Saturnais, festas em que, como se sabe, os antigos romanos celebravam, no mês de dezembro, o deus Saturno, comparecem frequentemente nos epigramas de Marcial (c.38 d.C. – c.104), constituindo uma interessante vertente temática de sua poesia. Podemos dividir em dois grupos os epigramas que fazem referência às Saturnais: um que englobaria os poemas em que as festividades surgem como pano de fundo para um tema principal (uma sátira a um indivíduo que o poeta vê na rua, uma crítica a um amigo ou patrono ingrato que não retribuiu um presente, uma homenagem ao imperador ou a algum patrono, etc); e outro grupo que incluiria os epigramas em que as próprias Saturnais são o tema principal e servem como elemento para considerações de ordem poético-literária do autor. Estes últimos são o que se costuma chamar, em crítica literária, *metapoemas*, e que chamamos também *metaepigramas* em nossa dissertação de Mestrado (CESILA, 2004, p. 21).<sup>1</sup> Deles nos ocuparemos mais detalhadamente aqui, uma vez que é por meio desses

1. Em geral, entende-se por metapoema um poema cujo tema é a própria poesia, ou, mais genericamente, um poema que contém alguma reflexão poético-literária. *Metaepigrama* é simplesmente a especialização desse conceito para o âmbito da poesia epigramática: um

metapoemas que Marcial constrói a sua conhecida analogia da poesia epigramática com as Saturnais.

Passemos inicialmente ao primeiro grupo. São em número de vinte e cinco os epigramas em que as Saturnais surgem como pano de fundo para o tema principal do poema.<sup>2</sup> Na maior parte das vezes, a referência é nominal, por meio do substantivo *Saturnalia* (*Apoph.*, 71.1; IV, 46.1 e 18; V, 84.6 e 11; VI, 24.2; VII, 53.1), do adjetivo *saturnalicus* (*Apoph.*, 182.2; V, 19.11; VII, 91.2) ou ainda do substantivo que nomeia a divindade a que eram dedicadas as festas, *Saturnus* (*Apoph.*, 72.2; II, 85.2; III, 29.2; IV, 88.2; X, 29.1; XII, 62.12, 81.1). Em outros dez epigramas, as Saturnais comparecem sem nomeação explícita, seja por meio da referência ao mês (dezembro) ou estação do ano (outono/inverno) em que as festas eram realizadas, seja pela menção a algum costume das pessoas nessa época do ano (*Apoph.*, 79, 142; IV, 19; V, 18, 49; VII, 72; VIII, 41, 71; X, 15, 87).

Em III, 29<sup>3</sup>, o ex-escravo Zoilo dedica suas correntes ao deus Saturno, e o poeta brinca que tais grilhões foram os primeiros anéis do personagem. Por que a dedicação é feita ao deus Saturno? Ora, essa divindade estava relacionada aos rituais de libertação, uma vez que os sacrifícios públicos realizados em sua homenagem seguiam o costume grego, mantendo os sacerdotes a cabeça descoberta, ao contrário do costume romano.<sup>4</sup> Além disso, a estátua do deus permanecia o ano todo coberta, e só era descoberta no dia 17 de dezembro, primeiro dia das Saturnais.<sup>5</sup> Daí decorreria a liberdade que caracterizava essas festas, traduzida em liberdade de costumes, inversão de comportamentos, diversão e jogos (muitos proibidos em outras épocas do ano) e suspensão das atividades políticas, econômicas, militares e religiosas (com exceção dos ritos dedicados a Saturno no primeiro dia das festas). Mesmo a veste nacional romana

*metaepigrama* é, portanto, um epigrama cujo tema é a própria poesia epigramática, ou, mais genericamente, um epigrama que contém alguma reflexão poético-literária. Em resumo, o *metaepigrama* é um tipo de *metapoema*; é um subconjunto do conjunto *metapoema*, razão pela qual utilizamos aqui os termos como sinônimos.

2. Incluímos nesse número somente os epigramas que fazem referência nominal ou quase nominal às Saturnais, mas é evidente que os *Xenia* e os *Apophoreta* como um todo estão relacionados a essas festas, por sua própria função de descrever os objetos trocados nessa época do ano.

3. Apenas os metapoemas serão aqui reproduzidos; os demais serão apenas comentados e podem ser lidos em qualquer boa edição da poesia completa de Marcial, como, por exemplo, a da “Les Belles Lettres”, com texto latino estabelecido e traduzido para o francês por H. J. Izaac (é a que seguimos neste artigo), e a edição da Newton, com tradução do poeta Cesare Vivaldi para o italiano. Em português, tem-se a tradução de Marcial das Edições 70: apesar de não ser edição bilíngüe, é, até onde sabemos, a única tradução da obra completa do poeta em português, feito atingido no ano passado, com a publicação, pela editora, do quarto volume de epigramas de Marcial, traduzidos e comentados por professores das universidades de Coimbra e de Lisboa.

4. Cf. *OCD*, s.v. *sacrifice*, *Roman*, p. 1345.

5. Cf. *OCD*, s.v. *Saturnus*, *Saturnalia*, p. 1360.

dos homens, a toga, era deixada de lado, e todos usavam a veste de jantar, mais leve, chamada *synthesis*. Em VI, 24, Marcial ironiza um sujeito que usa toga durante as Saturnais, comportamento tão inadequado, segundo o autor, quanto o usar a *synthesis* em meio aos deveres públicos no fórum ou no Senado, por exemplo. O dístico 142 dos *Apophoreta* fora escrito para acompanhar uma veste desse tipo, enviada de presente durante as festividades. Diz o poeta que o recebedor do presente, ao usar a *synthesis*, dará folga de cinco dias para a toga.

Esse dado sobre a duração das Saturnais trazido pelo epigrama em questão merece alguns esclarecimentos. Na época de Cícero, elas duravam sete dias, com início em 17 de dezembro. Augusto reduziu-as depois a três e, na época de Calígula e de Cláudio, elas duravam cinco, embora muitos continuassem a comemorar as festas durante sete dias.<sup>6</sup> Foi Domiciano, já na época de Marcial, quem oficializou essa duração de sete dias, estabelecendo o período de 17 a 23 de dezembro (cf. ROBERT, 1995, p. 88). Essa variação no período de duração das Saturnais pode ser notada na poesia de Marcial, que fala tanto em cinco dias (*Apoph.*, 79 e 142; VII, 53) como em sete dias (*Apoph.*, 72).<sup>7</sup>

A diversão, as brincadeiras, os jogos que caracterizavam os dias de Saturnais também são copiosamente retratados nos *Epigramas*. Em V, 84, por exemplo, o poeta refere-se aos jogos de nozes, apreciados, sobretudo, pelas crianças, que os praticavam durante o ano todo, mas também pelos adultos durante as Saturnais.<sup>8</sup> Também trata ali dos jogos de azar, permitidos somente nessas festas. Em VII, 72, faz votos para que seu patrono e amigo Paulo obtenha sucesso nos jogos de dezembro. E toda uma seção dos *Apophoreta* é dedicada a objetos ligados a jogos e diversões: dados (14 e 15), copos para agitar os dados (16), tabuleiros e peças (17 e 18), bolas (45-48).

O epigrama V, 84, porém, trata de um outro costume típico das Saturnais: a troca de presentes. A prática, segundo Sullivan (1991, p. 13), era comum na sociedade romana e remontava a tempos muito antigos, encontrando um paralelo no código de hospitalidade da épica homérica. Se, na épica, hóspede e anfitrião trocavam presentes, na sociedade romana esse costume estava ligado às relações de amizade e de clientela, e seu auge era justamente durante as Saturnais<sup>9</sup>. Como lembra Pimentel (2004, p. 12-13), os presentes poderiam ser enviados a seus destinatários ou entregues durante os banquetes que se realizavam nessa época do ano. Muitas pessoas enviavam ou entregavam os presentes acompanhados de pequenos poemas divertidos que os explicavam, como uma espécie de legenda, ou propunham charadas, enigmas sobre aquilo

6. Cf. *OCD*, s.v. *Saturnus*, *Saturnalia*, p. 1360.

7. Cf. ainda IV, 88, que se refere, provavelmente, a uma duração de cinco dias, mas que pode também aludir a uma duração maior.

8. Para uma descrição dos vários jogos em que se utilizavam nozes, ver Robert, 1995, p. 76-77. Cf. também *Apoph.*, 19 e os metapoemas *Xenia*, 1; *Apoph.*, 185 e V, 30.

9. Também se costumava dar presentes nas calendas de março (as Matronais, cf. V, 84), nas calendas de janeiro (cf. VIII, 33), etc.

que se estava enviando.<sup>10</sup> E os *Xenia* e os *Apophoreta* são justamente duas coletâneas desses poemas, publicados por Marcial, segundo Sullivan (1991, p. 12), exatamente no mês das Saturnais de 85 d.C. Os *Xenia* dizem respeito a comidas, bebidas ou a algum elemento que fazia parte, de uma forma ou de outra, da *cena romana* (lenha, 15; perfume, 126; coroas de rosas, 127). Quanto aos *Apophoreta*, descrevem presentes dos mais variados tipos e dos mais diversos valores, desde tabuinhas de escrever (3-9), pentes (25) e bolas (45-48) até animais de estimação (73-76, 197-200, 202), mesas (89-90) e escravos (201, 203, 205, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222).

*Xenia* significa “presentes de hospitalidade” e *Apophoreta*, algo como “presentes para levar para casa”. Assim, os primeiros diriam respeito, de uma forma mais geral, aos presentes trocados – entre amigos, entre clientes e patronos ou entre o anfitrião e os convidados de um jantar – sobretudo durante as Saturnais, os quais podiam ser simplesmente enviados ou entregues pessoalmente nos banquetes. Os *Apophoreta*, por outro lado, diriam respeito aos presentes distribuídos ou sorteados aos convivas pelo anfitrião dos banquetes, brindes esses que os convivas podiam levar para casa.<sup>11</sup> Porém, deve-se ter em mente que essas funções, a despeito de serem as principais, não eram, provavelmente, as únicas funções dos epigramas dessas recolhas: como demonstram alguns dísticos dos *Apophoreta*, os presentes por eles descritos não se limitavam a essa função de “lembrancinhas de banquete”, mas eram trocados entre as pessoas, durante as Saturnais, mesmo fora dos contextos de banquete, aproximando-se, portanto, da função atribuída aos *Xenia*. É o que demonstra o verbo *mittere* (“enviar”), que ocorre em vários epigramas dos *Apophoreta* (11, 114, 126, 132, 152). Da mesma forma, os presentes descritos pelos *Xenia* também podiam ser objeto de sorteio, como indica o epigrama 5 dessa recolha (cf. *sorte datur*, v. 2).

A maior parte dos vinte e cinco epigramas que têm como pano de fundo as Saturnais faz referência ao costume de se trocar presentes. E o tema predominante nesses poemas é certamente o ataque aos amigos ingratos, que não retribuem devidamente os presentes recebidos, ou aos patronos avaros,

10. Cf. VII, 46.

11. Cf. o epigrama de abertura da recolha, o qual traduzimos mais abaixo, os dísticos *Apoph.*, 20, 40, 144 e 170 e o epigrama XII, 62, que também fazem referência aos sorteios de brindes nos banquetes. Importante lembrar ainda que o termo *apophoreta* possui a mesma acepção em Petrônio. No *Satyricon*, no conhecido episódio do banquete de Trimalquião (cap. XXVII-LXXVIII), este distribui a seus convidados, como lembrança do jantar, porquinhos feitos de massa (XL, 5: *Et hic quidem apophoreti fuerunt*). A seguir, faz o mesmo com os tordos que saem voando pela fenda aberta na barriga do javali servido no jantar (XL, 6-7). Mais adiante (LVI, 7-10), bilhetes de sorteio são distribuídos aos convivas, cada um correspondendo a um presente dado aos convidados (7: *... cum pittacia in scypho circumferri coeperunt, puerque super hoc positus officium apophoreta recitavit*). Por fim, no capítulo LX, os convivas recebem novos brindes, vasos de perfume, que descem do teto por meio de um mecanismo (4: *Dum haec apophoreta iubemur sumere, respiciens ad mensam*).

que não enviam presentes ou não os enviam de acordo com suas posses. A verdade é que a retribuição do presente era – como lembra Sullivan (1991, p. 13) – algo esperado e mesmo obrigatório, de forma que havia uma espécie de quebra de contrato social se ela não ocorria. Além disso, um rico cidadão deveria dar um presente mais dispendioso, enquanto um cliente seu, mais pobre, retribuiria com algo de menor valor. Assim, em IV, 88, Marcial se queixa de um patrono seu que, passados já vários dias das Saturnais, ainda não retribuiu o presente enviado, mesma queixa feita a Gala em V, 84: o poeta diz que vai vingar-se dela nas Matronais, festas realizadas no dia primeiro de março, quando então eram as mulheres que recebiam presentes.<sup>12</sup> No livro VII, epigrama 53, Marcial se queixa a Úmber, que lhe repassou uma série de presentes sem valor recebidos nas Saturnais, e, em XII, 81, insinua, por meio de um jogo de palavras, que Úmber, quando pobre, lhe enviava um presente de maior valor que aquele que envia agora, que é rico. Em VIII, 71, o poeta se queixa de que os presentes que Postumiano lhe enviava durante o inverno foram diminuindo de valor ano a ano; em X, 15, reclama de Crispo, que se diz seu amigo, mas que não lhe faz empréstimos e nem sequer lhe envia uma toga de presente na estação invernal. Em V, 19, Marcial chega a dirigir um poema ao imperador e, com segundas intenções – como confessa o próprio poeta –, incentiva o soberano a ser liberal nos presentes saturnais, já que os patronos da época não o são: estes ficam se gabando, segundo o poeta, mesmo tendo enviado presentes de baixíssimo valor. Durante as festas de Saturno era comum, aliás, o imperador presentear o povo com alimentos; em V, 49, o poeta satiriza um certo Labieno que, por ser calvo apenas no meio da cabeça (tendo cabelo nas laterais), teria podido receber três cestinhos de pão nas distribuições do imperador, pois se teria pensado que se tratava de três pessoas.

Em II, 85, Marcial diz que vai enviar a seu interlocutor uma garrafa que mantém gelada a água nela contida, presente inadequado na fria época das Saturnais. E brinca dizendo que o destinatário pode retribuir o presente com uma toga fina, também inadequada para a época. Em VII, 91, o epigramatista diz enviar a seu amigo, o poeta Juvenal, algumas nozes colhidas em sua quinta de Nomento, desculpando-se, em tom divertido, por não enviar as outras frutas, as quais o deus Priapo de seu jardim preferiu dar a lascivas meninas. Pode-se dizer que IV, 19 tem o mesmo espírito dos *Xenia* ou dos *Apophoreta*, apesar de sua mais longa extensão: o epigrama descreve e fala das vantagens de uma capa de lã enviada de presente no rigoroso frio de dezembro. No epigrama 87 do livro X, Marcial celebra o aniversário do advogado Restituto, nas calendas de outubro, e faz votos de que o aniversariante receba ricos presentes, e não aquelas míseras prendas que os pobres (ou os ricos avaros) enviam durante as Saturnais. Em VII, 72, um voto parecido é feito em favor de outro advogado,

12. Se bem que nas Saturnais não fossem só os homens que recebiam presentes, como demonstram vários objetos estritamente femininos descritos por Marcial nos *Apophoreta*: um sutiã (134), um creme para as estrias do ventre (60), um cinto para uma mulher não grávida (151), etc (cf. Pimentel, 2004, p. 12).

Paulo: que ele receba presentes de valor no mês de dezembro. Sabelo é satirizado no epigrama IV, 46 porque se gaba de ter recebido inúmeros presentes, não atentando para o fato de que são todos de baixo valor. Em V, 18, Marcial critica os presentes caros e interesseiros, o que explica o fato de só enviar, a seu amigo Quinciano, livrinhos de epigramas sem muito valor. E para terminar a série de epigramas cujo cenário são as Saturnais, resta citar X, 29 e VIII, 41. No primeiro, o poeta se queixa de que Sextiliano sacia seu apetite sexual às custas dos presentes enviados por Marcial, já que repassa à amante os brindes recebidos ou os vende para, com o dinheiro, comprar para ela outros presentes. No segundo, Marcial prevê que ficará sem os presentes que Faustino lhe envia nas Saturnais, pois este, por sua vez, não recebeu os costumeiros presentes de Atenágoras (Faustino repassava a terceiros os presentes recebidos).

Passemos agora aos metapoemas, que traduzimos e comentamos a seguir. Como conclusão geral, aqui antecipada, pode-se dizer que Marcial procura associar a sua poesia (e o epigrama, de uma forma geral) às Saturnais, fixando freqüentemente, como época ideal à leitura de seus poemas, os dias consagrados a essas festas. Não é à toa, talvez, que muitos dos livros de Marcial tenham sido publicados no mês de dezembro: além dos *Xenia* e dos *Apophoreta*, os livros V, VI, VII, VIII, X (1ª edição) e XI.<sup>13</sup> Assim como as Saturnais se caracterizavam pela liberdade de costumes e de comportamento, pelos jogos e divertimentos, pelo descanso e a interrupção das obrigações e trabalhos, a poesia do epigramatista se caracterizava, segundo ele próprio, pela liberdade de linguagem, pelo teor satírico-jocoso, pela diversão e pelo humor. É mais ou menos isso o que o autor declara já no prefácio ao livro I, em que define a “franqueza lasciva das palavras” (*lasciua ueritas uerborum*) como a linguagem própria do epigrama (*epigrammaton lingua*):

(...) Já a franqueza lasciva das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, justificá-la-ia, se fosse eu a ter dado o exemplo; assim, porém, escreve Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim todo aquele que é lido do início ao fim. Se alguém, entretanto, é de tão afetada austeridade que, perto dele, não é permitido, em nenhuma página, falar latim, pode se contentar com este prefácio, ou, antes, com o título. Os epigramas são escritos para aqueles que costumam assistir aos Florais. Que não entre Catão em meu teatro, ou, se entrar, que assista. Creio fazê-lo em meu direito se terminar este prefácio com alguns versos:

13. Cf. Sullivan, 1991, p. 12, 35, 37, 39, 40, 44 e 46, respectivamente. Esse fato poderia nos levar a incluir, em nosso *corpus* de epigramas cujo pano de fundo são as Saturnais, todos os poemas sobre presentes ou troca de presentes que compõem os livros publicados, segundo os teóricos, no mês dessas festas. No entanto, como já mencionamos anteriormente, só consideramos os epigramas em que a referência às festas de Saturno é clara e inequívoca, mesmo porque o hábito de dar presentes não era exclusivo da época das Saturnais.

Se o rito caro à alegre Flora conhecias,  
os jogos festivos e a licença do vulgo,  
por que vieste, Catão severo, ao teatro?  
Tinhas vindo só para poderes sair?<sup>14</sup>

Note-se que a referência, aqui, não é às Saturnais, mas a uma outra festa dos antigos romanos igualmente marcada pela liberdade e licenciosidade: os Florais ou Jogos Florais (*Iudi Florales*). Dedicados a Flora, deusa das flores e plantas ligada aos rituais de fertilidade, esses festivais, que se realizavam entre 28 de abril e 3 de maio, incluíam a representação de mimos repletos de obscenidades.<sup>15</sup> Segundo nos conta Valério Máximo (II, 10.8), o censor Marco Pórcio Catão – o Catão de Útica (95-46 a.C.), que era, entre os romanos, exemplo de austeridade e de devoção aos antigos princípios – teria entrado certa vez em um teatro em que se representavam mimos. Devido à sua presença, o mimo não se realizou, e ele, percebendo isso, se retirou, sendo aplaudido pelos espectadores. No epigrama que encerra o prefácio, Marcial zomba de Catão, sugerindo que este fora ao teatro somente com o objetivo de se retirar, de forma a poder demonstrar que não aprovava tais divertimentos.<sup>16</sup> Os Florais retornam no genial epigrama I, 35, dirigido a um certo Cornélio:

De que eu escrevo versos pouco sérios,  
que ensinar na escola o mestre não pode,  
te queixas, Cornélio; mas meus livrinhos,  
como os maridos às suas esposas,  
não podem, sem um caralho, agradar.     5  
Por que, se me exiges epitalâmios,  
não usar os vocábulos do tálamo?  
Quem é que se veste para os Florais  
e às putas permite o pudor da estola?  
Esta a lei dada aos poemas jocosos: 10  
se não excitam, não agradarão.  
Peço, então, deixa essa severidade,  
perdoa meus gracejos e gracinhas

14. (...) *Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistola uel potius titulo contentus esse. Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet. Videor mihi meo iure facturus si epistolam uersibus clusero:*

Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae  
festosque lusus et licentiam uolgi,  
cur in theatrum, Cato seuere, uenisti?  
an ideo tantum ueneras, ut exires?

15. Cf. *OCD*, s.v. *Flora*, p. 601.

16. Sobre a liberdade de linguagem e de temas dos epigramas, vejam-se também I, 4; III, 68, 69, 86; V, 2; VII, 8, 25; XI, 6 e o prefácio ao livro VIII.

e não queiras castrar os meus livrinhos:  
nada é mais torpe que um Priapo eunuco.<sup>17</sup> 15

Cornélio acusa Marcial de fazer versos que, por serem licenciosos, jamais poderiam fazer parte do currículo das escolas romanas<sup>18</sup>, mas o epigramatista garante que a linguagem do gênero epigramático deve necessariamente ser obscena, do contrário não agradará aos leitores. Uma linguagem bem-comportada não fica bem aos epigramas, assim como quem se veste para os jogos Florais não pode aceitar que uma meretriz use a veste das matronas, a *stola*. Um epigrama sem a *mentula* (ou seja, sem a linguagem obscena) não tem graça, perde a sua identidade, assim como é vergonhoso, para uma estátua de Priapo (cf. *turpius est nihil*, v. 15), estar privada daquilo que corresponde à sua principal característica.

Mas voltemos às Saturnais. Traçando freqüentemente a associação de seus epigramas com as Saturnais, Marcial de certa forma se defende de possíveis acusações contra a obscenidade da linguagem e dos temas de sua poesia: em outras palavras, o poeta reivindica para sua obra a mesma liberdade e tolerância que era concedida aos indivíduos que festejavam as Saturnais.<sup>19</sup> Faz parte dessa estratégia, sem dúvida, a comparação traçada pelo poeta entre seus epigramas e as nozes ou outros objetos utilizados nos vários jogos das festas de Saturno. Já no metaepigrama que abre os *Xenia* essa analogia se mostra claramente:

Toga a atuns não faltam, pênula às azeitonas,  
nem teme a vil traça a fome indigente,  
se estragais, Musa, estes niliacos papiros:  
eis que o ébrio inverno exige novos sais.  
Não pugna em pujante contenda a minha tésseira, 5  
nem o seis com o cão meu marfim sacode;  
este papiro é minhas nozes, meu fritilo:  
tal jogo não dá lucro ou prejuízo.<sup>20</sup>

Depois da costumeira declaração de falsa modéstia de Marcial, sugerindo que suas obras só servem mesmo para embrulhar atuns e servir de embalagem

17. *Versus scribere me parum seueros/ nec quos praelegat in schola magister,/ Corneli, quereris: sed hi libelli,/ tamquam coniugibus suis mariti,/ non possunt sine mentula placere./ Quid si me iubeas thalassionem/ uerbis dicere non thalassionis?/ quis Floralia uestit et stolatum/ permittit meretricibus pudorem?/ Lex haec carminibus data est iocosis,/ ne possint, nisi pruriant, iuuare./ Quare deposita seueritate/ parcas lusibus et iocis rogamus,/ nec castrare uelis meos libellos:/ Gallo turpius est nihil Priapo.*

18. Cf. também VIII, 3.15-16.

19. Esta é também a opinião de Sullivan (1991, p. 14).

20. *Ne toga cordylis et paenula desit oliuis/ aut inopem metuat sordida blatta famem,/ perditte Niliacas, Musae, mea damna, papyros:/ postulat ecce nouos ebria bruma sales./ Non mea magnanimo depugnat tessera telo/ senio nec nostrum cum cane quassat ebur:/ haec mihi charta nuces, haec est mihi charta fritillus:/ alea nec damnum nec facit ista lucrum.*

às azeitonas, ele diz que vem novamente a público com “novos sais” (*nouos sales*, v. 4)<sup>21</sup>, ou seja, com novos epigramas repletos de graça, de sarcasmo, de humor, de agudeza. A expressão “ébrio inverno” (*ebria bruma*), juntamente com as referências aos jogos, não deixa dúvidas quanto a se tratar aqui das Saturnais. Por fim, a analogia: o poeta diz recusar os jogos e divertimentos saturnais<sup>22</sup>, pois seu verdadeiro prazer, seu real divertimento é escrever seus epigramas, que não lhe dão lucro, mas também não causam prejuízo, como os jogos de azar das festas de Saturno. Seus poemas são suas nozes, seu fritilo.

Outro epigrama de abertura, desta vez o dos Apophoreta, traz a mesma associação:

Já alegres com a síntese o equestre e o senador,  
e o pileo já cai bem ao nosso Jove;  
já o escravo, o fritilo à mão, o edil não teme,  
bem próximos vendo os lagos gelados:  
recebe estes cupons, um de rico, um de pobre, 5  
dando a cada conviva a justa prenda.  
“São nugas, ninharias, o que há de mais baixo.”  
Quem não sabe? E quem nega algo tão certo?  
Mas que fazer de melhor nestes ébrios dias  
que em troca do céu Zeus te deu, Saturno? 10  
Eu, falar de Tebas, Tróia, da ímpia Micenas?  
“Joga nozes”, dizes. E as minhas, perco?<sup>23</sup>

21. Lembremos que o poeta já publicara, anos antes, em 80 d.C., o *Liber de Spectaculis*, por ocasião da inauguração do Coliseu. Além disso, pode-se imaginar que muitos poemas de Marcial já circulavam entre seus amigos e conhecidos antes mesmo da publicação.

22. A tésseira equivalia ao nosso dado de seis lados, marcados em todos eles, de um a seis, em oposição ao *talus*, arredondado em dois de seus lados e marcado apenas nos outros quatro (com o número um e o seis, opostos um ao outro, e com os números três e quatro, também opostos). Cada dado era usado num tipo de jogo diferente: o jogo das *tesserae* empregava três dados, enquanto que o dos *tali*, quatro dados. Os fritilos eram os recipientes cônicos em que se agitavam os dados antes de lançá-los. Quanto ao “cão” (*canis* ou *unio*) e ao “seis” (*senio*), eram os nomes que recebiam os lados que levavam os números um e seis, respectivamente. No jogo das *tesserae*, quando os três dados caíam com o seis voltado para cima, tinha-se a jogada de maior valor, chamada *Venus*, *iactus Venereus* ou *iactus basilicus*; quando eles caíam todos com o número um para cima, tinha-se a jogada de menor valor, a do cão (*canis*, *canicula*, *iactus pessimus* ou *iactus damnosus*) (cf. LEWIS, C. T. & SHORT, C. *A Latin Dictionary*, 1945, p. 82-1).

23. *Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator/ dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;/ nec timet aedilem moto spectare fritillo,/ cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:/ diuitis alternas et pauperis accipe sortes:/ praemia conuiuiae dent sua quisque suo./ ‘Sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.’/ Quis nescit? uel quis tam manifesta negat?/ Sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,/ quos tibi pro caelo filius ipse dedit?/ Vis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenae?/ ‘Lude,’ inquis, ‘nucibus’: perdere nolo nuces.*

Aqui o poeta dialoga com o próprio deus das Saturnais, a cuja afirmação de que os epigramas do livro são ninharias, coisas sem importância, bobagens (*apinae, tricae*, v. 7), Marcial responde modestamente, concordando com o julgamento do deus, mas lembrando que os escrever é uma atividade adequada para época tão alegre e livre de preocupações como as Saturnais, festas que, segundo o poeta, Zeus/Júpiter concedeu a seu pai Crono/Saturno como compensação pela deposição do trono celeste (vv. 8-10). Depois de recusar cultivar as poesias trágica e épica – inadequadas, por sua gravidade e seriedade, para a época (v. 11) –, o autor recusa também a sugestão do deus para que pratique o jogo das nozes: ele não quer perder as suas nozes, ou seja, os seus epigramas, que são o seu divertimento.<sup>24</sup> Do mesmo livro *Apophoreta* é o dístico abaixo (185), que deveria acompanhar um exemplar do *Culex* (“O Mosquito”) dado de presente. O *Culex*, atribuído a Virgílio, juntamente com outros, na coleção intitulada *Appendix Vergiliana*, conta uma estória em que um mosquito pica um pastor para salvá-lo de uma serpente que está prestes a picá-lo. O pastor, no entanto, mata o inseto, cuja alma volta do reino dos mortos para censurar-lhe a ingratidão.

**Um exemplar de *O Mosquito*, de Virgílio**

Eis, erudito, *O Mosquito* do facundo Marão:  
não prefiras às nozes “as armas e o varão”.<sup>25</sup>

“As armas e o varão” (*Arma uirumque*) são, como se sabe, as primeiras palavras da *Eneida* de Virgílio. Pode-se dar ao dístico duas interpretações ligeiramente diferentes. A primeira, que privilegiamos em nossa tradução, é a seguinte: a pessoa que receber, no sorteio, a divertida obra de Virgílio (*O Mosquito*), terá um livro mais adequado para ler durante as Saturnais, não tendo de recorrer à séria e grandiosa *Eneida*, leitura muito “pesada” para os dias festivos consagrados a Saturno.<sup>26</sup> Assim, o ganhador não terá de abandonar as nozes das Saturnais, já que o próprio poema *Culex* corresponde a essas nozes, a esses divertimentos. Na outra interpretação possível, não há essa associação das nozes com os livros, e se dá uma matiz temporal ao segundo verso: a pessoa que recebesse no sorteio o *Culex* de Virgílio, *quando* deixasse de se dedicar aos jogos das nozes nas Saturnais e quisesse se consagrar um pouco à leitura, não teria de ler a grave e austera epopéia de Virgílio.

24. Alguns dados para entender o poema: o pileo (*pilleus* ou *pilleum*) era um tipo de gorro usado pelos escravos, mas adotado por todos durante as Saturnais. *Jove*, aqui, refere-se a Domiciano. O edil tinha como uma de suas atribuições a fiscalização dos divertimentos e jogos da plebe (cf. *OCD*, s.v. *aediles*, p. 15-16). *Lagos gelados*: referência à estação fria, ou seja, às Saturnais.

25. **Vergili Culex.**

*Accipe facundi Culicem, studiose, Maronis,  
ne nucibus positis ARMA VIRVMQVE legas.*

26. Cf. também VIII, 55.20.

Também possibilita a mesma dupla interpretação o epigrama V, 30,

Ó Varrão, notável no coturno de Sófocles  
e admirável na lira da Calábria,  
para tua obra e o palco do fértil Catulo  
não te atraia, e a elegia de belas comas,  
mas lê estes poemas, no devido mês enviados, 5  
em fumoso dezembro irrecusáveis:  
a não ser que melhor te pareça e mais útil,  
Varrão, perder as nozes saturnais.<sup>27</sup>,

pois as nozes saturnais (*Saturnalicias nuces*) do último verso podem tanto significar os poemas que Marcial envia a Varrão (e este, então, perderia as nozes saturnais se não lesse os poemas recebidos e ficasse se dedicando a outros gêneros de poesia), como as nozes propriamente ditas dos jogos de Saturnais (e então Varrão, se, ao invés de ler os poemas de Marcial, ficasse jogando nozes durante as Saturnais, poderia perder essas nozes no jogo).

Passemos agora a outra questão presente nos metapoemas. Falamos anteriormente do costume de trocar presentes durante as Saturnais e da expectativa de que o valor do presente enviado fosse proporcional às posses de quem enviava. No metaepigrama *Apoph.*, 1, que reproduzimos acima, Marcial informa que os dísticos do livro estão dispostos alternadamente: um descreve um presente de maior valor, “presente de rico” (*diuitis*), outro, um de menor valor, “presente de pobre” (*pauperis*).<sup>28</sup> E os dísticos serviriam como bilhetes de sorteio, cupons que, retirados pelos convivas, indicariam o prêmio de cada um. No entanto, a recolha tinha também outra função, como já dito anteriormente: as pessoas podiam selecionar nos *Apophoreta* (bem como nos *Xenia*) um dístico adequado para acompanhar um presente a ser enviado, e, nesse caso, a existência de dísticos sobre presentes de diverso valor poderia facilitar a tarefa.

27. Varro, *Sophocleo non infitiande cothurno/ nec minus in Calabria suspiciende lyra,/ differ opus nec te facundi scaena Catulli/ detineat cultis aut elegia comis;/ sed lege fumoso non aspernanda Decembri/ carmina, mittuntur quae tibi mense suo:/ commodius nisi forte tibi potiusque uidetur/ Saturnalicias perdere, Várro, nuces.*

28. Cf., por exemplo, os pares 5 e 6; 40 e 41; 43 e 44; 61 e 62; 63 e 64; 67 e 68; 89 e 90; 93 e 94; 95 e 96; 103 e 104; 105 e 106; 108 e 109; 159 e 160; 161 e 162. Em geral, eles tratam do mesmo objeto, diferentes, porém, no material com que são fabricados. Vejam-se os epigramas 89 e 90, por exemplo: no primeiro, trata-se de uma mesa em madeira de limoeiro, muito apreciada na Antigüidade; no segundo, a mesa é de madeira de bordo, inferior à primeira. Tome-se outro exemplo: os poemas 108 e 109 têm por tema os copos de argila e os copos ornados com pedras preciosas, respectivamente. Izaak (1961, p. 296, nota 4 à p. 217) alerta, porém, para o fato de que a alternância não é perfeita, devido à perda de algumas peças ou ao desordenamento dos poemas, de forma que, nas edições da obra do poeta, os pares não estão sempre em seqüência, nem um poema sobre presente “de rico” possui sempre um correspondente sobre presente “de pobre”.

Mas o que queremos aqui destacar – e isso pode passar despercebido numa primeira leitura – é que Marcial está oferecendo seus poemas ao deus Saturno como se fossem presentes de Saturnais (cf. v. 5: *accipe*). Sim, porque os dísticos são bilhetes de sorteio ou legendas para presentes, mas são também eles presentes. No epigrama V, 30, traduzido acima, Marcial também envia seus epigramas a Varrão, como se fossem presentes de Saturnais. E essa nossa leitura é confirmada em *Xenia*, 3, em que o poeta recomenda, a quem, como ele, não tem dinheiro para comprar presentes, que envie às pessoas apenas os poemas do livro<sup>29</sup>:

Toda a multidão de xênias deste livrinho  
quatro sestércios vai a ti custar.  
Quatro é demais? Poderá custar dois, e lucro  
ainda assim dará ao livreiro Trifon.  
Dá a teus anfitriões de presente estes dísticos, 5  
se a ti tão rara é a grana quanto a mim.  
Junto às coisas terás seus nomes, como títulos:  
pula, pois, o que cai mal ao estômago.<sup>30</sup>

Outro ponto interessante a ser tratado é a *recusatio* de Marcial quanto aos gêneros mais elevados – tragédia e epopéia – expressa no epigrama *Apoph.*, 1, v. 11, a qual se repete em outros metaepigramas relacionados às Saturnais. Em meio à alegria e à descontração dessas festas, quando todos os deveres públicos e privados são suspensos, não há, segundo o poeta, lugar para outro tipo de poesia que não seja a dos gêneros “menores”. E “Tebas”, “Tróia”, “Micenas”, em *Apoph.*, 1, representam os gêneros sérios, sublimes, elevados, austeros, pois são o cenário ou o ponto de partida para muitas das sagas e ciclos épicos e trágicos.

Em IV, 14, Marcial pede a Sílio Itálico, político e poeta romano, autor de uma monumental obra épica, *Punica*, sobre a Segunda Guerra Púnica, que deixe um pouco de lado a gravidade e imponência de seus escritos e leia, em dezembro, os livrinhos repletos de leves gracejos do epigramatista:

29. Cf. também X, 87, em que Marcial se admira de que o aniversariante Restituto não esperasse receber, de um poeta, poemas como presente, já que o caçador lhe oferece uma lebre, o feitor, um cabrito e o pescador um peixe. Sobre os livros como presentes de Saturnais, vejam-se ainda os dísticos *Apoph.*, 183-196 e o epigrama V, 18. Cf. ainda o poema 14 de Catulo.

30. *Omnis in hoc gracili Xeniorum turba libello/ constabit nummis quattuor empta tibi./ Quattuor est nimium? poterit constare duobus,/ et faciet lucrum bybliopola Tryphon./ Haec licet hospitibus pro munere disticha mitas,/ si tibi tam rarus quam mihi nummus erit./ Addita per titulos sua nomina rebus habebis:/ praetereas, si quid non facit ad stomachum.* Note-se que Marcial informa que os títulos foram acrescentados a cada objeto descrito, provavelmente para auxiliar a escolha dos dísticos que acompanharão os presentes. E a expressão *facere ad stomachum* do verso final não é aleatória: ela se refere tanto ao prazer estético quanto ao gosto ou prazer dos alimentos, já que os *Xenia* versam quase todos sobre comidas e bebidas.

Sílio, glória das irmãs da Castália,  
 que os perjúrios do bárbaro furor  
 com possante voz condenas e os pérfidos  
 ardis de Aníbal e os penos infieis  
 faz sucumbir aos grandes Africanos: 5  
 afasta um pouco a tua severidade,  
 quando o vadio Dezembro em doces jogos  
 ressoa em imprevisíveis fritilos  
 e atira ao alvo ossinhos viciados;  
 teu ócio acomoda às minhas Camenas, 10  
 e lê com frente amena e não severa  
 livrinhos cheios de alegres gracejos.  
 Assim ousaria o terno Catulo  
 seu Pardal mandar ao magno Marão.<sup>31</sup>

Note-se como o epigrama se inicia em tom elevado, até o momento em que Marcial faz a Sílio – que foi provavelmente seu patrono, dado o grande número de epigramas a ele dedicados – o apelo à leitura de obras mais amenas e divertidas. O fecho faz alusão aos poemas 2 e 3 de Catulo, sobre o pássaro de Lésbia, mas o fato referido é cronologicamente improvável, como lembra Izaak (1930, p. 255, nota 5 à p. 121): Catulo morreu em 54 a.C. e Virgílio nascera em 70 a.C., de modo que este último teria no máximo 16 anos quando faleceu o poeta veronês. De qualquer forma, Marcial se compara a Catulo, cuja poesia mais conhecida (as *nugae*) se enquadra no mesmo gênero que o seu, e iguala Sílio a Virgílio, o principal poeta épico da literatura latina.

Em XI, 2, o epigramatista destaca o caráter franco e sem dissimulações de sua poesia, em oposição à austeridade hipócrita e à moderação e parcimônia excessivas representadas pelas figuras paradigmáticas dos Catões e de Gaio Fabrício (este último, de tão honesto e parcimonioso, não teria tido sequer recursos suficientes para o dote de sua filha, que teve de ser pago pelo Senado romano; cf. Valério Máximo, IV, 4.10):

Cenho franzido e do duro Catão severa  
 frente, filha do lavrador Fabrício,  
 mascarados orgulhos, lei dos bons costumes  
 e o mais que não somos na intimidade,  
 p'ra fora! “Viva as Saturnais”, clamam meus versos; 5  
 sob ti, Nerva, isso é lícito e agrada.

31. *Sili, Castalidum decus sororum, / qui periuria barbari furoris / ingenti premis ore perfidosque / astus Hannibalis leuisque Poenos / magnis cedere cogis Africanis: / paulum seposita severitate, / dum blanda uagus alea December / incertis sonat hinc et hinc fritillis / et ludit tropa nequiore talo, / nostris otia commoda Camenis, / nec torua lege fronte, sed remissa / lasciuis madidos iocis libellos. / Sic forsitan tener ausus est Catullus / magno mittere Passerem Maroni.*

Leitores sombrios, decorai o áspero Santra;  
nada há entre mim e vós: meu é este livro.<sup>32</sup>

Segundo Marcial, seu livro – lembre-se de que o livro XI foi publicado durante as Saturnais de 96 – nada tem a ver com os leitores sombrios, graves, que devem ler a poesia de Santra, poeta trágico e erudito romano do século I a.C., autor também de biografias sobre pessoas famosas.<sup>33</sup> Seus versos eram, segundo Marcial, obscuros, difíceis de entender, de estilo pouco fluente (cf. *salebrosum*, v. 7).

Em dois epigramas de que já tratamos anteriormente, também há a indicação de que a poesia ligeira é a ideal para as Saturnais, em detrimento dos gêneros mais sublimes e graves. No epigrama V, 30 vimos Marcial encorajar Varrão a deixar de lado a tragédia (*Sophocleo cothurno*, v. 1), a poesia lírica (*Calabra lyra*, v. 2) e a poesia elegíaca (v. 4)<sup>34</sup> para se entregar unicamente, durante as Saturnais, à leitura dos livros de epigramas que lhe são enviados. No dístico 185 dos *Apophoreta*, o envio do *Culex* de Virgílio poupará o destinatário do presente da leitura da *Eneida*, inadequada para o tempo das festas de Saturno.

Vejam os mais alguns metapoemas sobre as Saturnais. Em X, 18, Marcial dirige-se a um certo Macro, talvez amigo ou patrono do poeta e, de acordo com esse epigrama, funcionário responsável pela conservação da Via Ápia:

Privar Macro de seu tributo saturnal  
em vão, Musa, desejas: ele o cobra!  
E exige os habituais gracejos, poemas leves,  
lamentando a mudez de minhas nugas.  
Mas longas notas de agrimensura hoje o ocupam.     5  
Que farás, Ápia, com ele a ler tais versos?<sup>35</sup>

Ou seja, a Ápia ficará sem cuidados se Macro consumir seu tempo lendo as *nugae* de Marcial. O poeta se dirige à sua Musa, que, ao que parece, resolveu abandonar momentaneamente seu protegido (cf. v. 4). De fato, se levarmos em conta que houve uma segunda edição do livro X (em 98 d.C.) e se assumirmos que o epigrama 18 só veio a fazer parte dessa segunda edição,

32. *Triste supercilium durique seuera Catonis/ frons et aratoris filia Fabricii/ et personati fastus et regula morum/ quidquid et in tenebris non sumus, ite foras./ Clamant ecce mei "Io Saturnalia" versus:/ et licet et sub te praeside, Nerva, libet./ Lectores tetrici salebrosum ediscite Santram:/ nil mihi uobiscum est: iste liber meus est.*

33. Cf. *OCD*, s.v., p. 1354.

34. Mas também os mimos, cf. *facundi scaena Catulli*, v. 3 (o Catulo referido era um escritor de mimos que viveu no I século d.C. ou antes; cf. *OCD*, s.v., p. 304).

35. *Saturnalicio Macrum fraudare tributo/ frustra, Musa, cupis: non licet: ipse petit;/ sollemnesque iocos nec tristia carmina poscit/ et queritur nugas obicuisse meas./ Mensorum longis sed nunc uacat ille libellis./ Appia, quid facies, si legit ista Macer?*

pode-se dizer que o poeta deixara de publicar livros de epigramas durante cerca de dois anos, já que o livro XI viera à luz em 96.<sup>36</sup>

Em VII, 28, Marcial se dirige a um certo Fusco, rico advogado – e talvez patrono de Marcial – cujas ocupações não lhe permitem muitos momentos de ócio. Mas nos meados do mês de dezembro (isto é, durante as Saturnais) ele pode ter algum tempo livre, diz o poeta, e dar uma olhada nos poemas que tem sob os olhos:

Possa crescer teu bosque de Diana em Tíbur  
e logo renascer a mata amiúde  
cortada; a tua Palas, Fusco, as mós tartessíacas  
vença e dê teu rico lagar bons mostos;  
que os fóruns te admirem, que o Palácio te louve 5  
e ornem muitas palmas tuas gêmeas portas:  
mas ao te dar breve ócio o meio de Dezembro,  
julga – com ouvido atento – estes gracejos.  
“Queres saber mesmo a dura verdade?” Mas  
diz-me, Fusco, o que queres que te digam.<sup>37</sup> 10

O livro XI é apresentado por Marcial como o mais “brejeiro” dentre todos os seus livros já publicados (cf. *nequior omnibus libellis*, v. 4 do epigrama abaixo). E, talvez por isso mesmo, três poemas relacionados às Saturnais ocorrem no início desse livro: além do epigrama 2, que traduzimos anteriormente, os de número 6 e 15. Vejamos este último:

Tenho escritos que a esposa de Catão  
e as sérias sabinas ler poderiam:  
mas este livrinho, que inteiro ria  
e o mais maroto seja dentre todos.  
De vinho se embriague e não o envergonhe 5  
em perfume de Cosmo se encharcar;  
que brinque com os jovens, que ame as meninas  
e nomeie sem rodeios aquele  
que nos faz nascer, pai de todos nós,  
e que o pio Numa chamava “caralho”. 10  
Tú, no entanto, lembra-te que estes versos,  
Apolinar, são versos saturnais:  
não é o meu viver que este livro encerra.<sup>38</sup>

36. Cf. Cesila (2004, p. 223, nota 738, e p. 225, nota 741). Sobre as datas de publicação das obras de Marcial e as questões a elas relacionadas, o melhor estudo que conhecemos é o de M. Citroni (cf. bibliografia).

37. *Sic Tiburtinae crescat tibi silua Dianae/ et properet caesum saepe redire nemus,/ nec Tartesiatis Pallas tua, Fusce, trapetis/ cedat et inmodici dent bona musta lacus;/ sic fora mirentur, sic te Palatia laudent,/ excolat et geminas plurima palma fores:/ otia dum medius praestat tibi parua December,/ exige, sed certa, quos legis, aure iocos./ “Scire libet uerum? res est haec ardua.” Sed tu/ quod tibi uis dici dicere, Fusce, potes.*

38. *Sunt chartae mihi quas Catonis uxor/ et quas horribiles legant Sabinae:/ hic totus uolo rideat libellus/ et sit nequior omnibus libellis./ Qui uino madeat nec erubescat/ pingui*

Com efeito, o teor do livro XI é fortemente obsceno (cf. epigramas 16, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 40, 43, 46, 47, etc), mas o poeta avisa, no fecho do epigrama, que não se deve confundir a vida, os costumes do autor com os versos que ele escreve, pois estes gozam da liberdade e têm o espírito das Saturnais.<sup>39</sup> E vejamos, por fim, o poema 6, em que o poeta reivindica mais uma vez o direito de escrever versos ligeiros durante as Saturnais<sup>40</sup>:

Nos lautos dias do velho falcífero,  
em que soberano impera o fritilo,  
divertir-me em verso não trabalhoso  
me permites, penso, ó pileada Roma.  
Riste; então, me permites, não proíbes. 5  
Pálidas preocupações, afastai-vos!  
Possas eu dizer tudo o que sem esforço  
vem à mente, sem pensar duas vezes.  
Prepara copos com vinho à metade,  
como os que a Nero oferecia Pitágoras, 10  
prepara-os, mas mais copiosos, Díndimo:  
eu, sóbrio, nada posso, mas, bebendo,  
vêm em meu auxílio quinze poetas.  
Dá-me agora beijos, mas catulianos:  
se forem tantos quantos ele disse, 15  
eu te darei o Pardal de Catulo.<sup>41</sup>

E com o genial jogo alusivo dos três últimos versos encerramos este artigo: Marcial pede ao jovem Díndimo beijos à moda de Catulo, referindo-se aos poemas V e VII do poeta veronês, dirigidos a Lésbia. Em troca, dará ao escravo o pardal de Lésbia, celebrado nos poemas II e III de Catulo. Seria inocente demais imaginar que Marcial promete, no último verso, dar a Díndimo os poemas de Catulo sobre o pardal de Lésbia, ou uma coletânea de poemas do veronês: o sentido, por tudo o que vem dito no epigrama em questão e nos outros metapoemas do livro XI, é certamente obsceno.

*sordidus esse Cosmiano,/ ludat cum pueris, amet puellas,/ nec per circuitus loquatur illam,/ ex qua nascimur, omnium parentem,/ quam sanctus Numa mentulam uocabat./ Versus hos tamen esse tu memento/ Saturnalicios, Apollinaris:/ mores non habet hic meos libellus.*

39. Cf. também o prefácio ao livro I e o epigrama I, 4: *lasciva est nobis pagina, uita proba* (“Lasciva é minha página; minha vida, honesta”, v. 8). O mesmo princípio vem exposto em Catulo, 16 e em Ovídio, *Tristes*, II, 353-358.

40. Cf. *falciferi senis diebus*, v. 1: o epíteto “que porta a foíce” se deve ao fato de ser Saturno uma divindade ligada ao campo, à colheita. Cf. também *pilleata Roma*, “Roma de pileo à cabeça” (v. 4).

41. *Vinctis falciferi senis diebus,/ regnator quibus inperat fritillus/ uersu ludere non laborioso/ permittis, puto, pilleata Roma./ Risisti; licet ergo, non uetamur./ Pallentes procul hinc abite curae;/ quidquid uenerit obuium loquamur/ morosa sine cogitatione./ Misce dimidios, puer, trientes,/ quales Pythagoras dabat Neroni,/ misce, Dindyme, sed frequentiores:/ possum nil ego sobrius; bibenti/ succurrent mihi quindecim poetae./ Da nunc basia, sed Catulliana:/ quae si tot fuerint quot ille dixit,/ donabo tibi Passerem Catulli.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATULO. *O Cancioneiro de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.
- CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. (Dissertação de Mestrado em Lingüística/Letras Clássicas). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2004.
- CITRONI, Mario. Pubblicazione e dedichi dei libri in Marziale. *Maia*. Bologna, v. XL. p. 3-39, 1988.
- HORNBLOWER, Simon & SPAWFORTH, Anthony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.
- LEWIS, C. T., SHORT, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1945.
- MARCIAL. *Epigramas*. Trad. de Delfim Ferreira Leão (*Livro dos Espetáculos, Xenia*, Livros IV, VII e XI), José Luís Brandão (Livros I, II, VI, IX e XII) e Paulo Sérgio Ferreira (*Apophoreta*, Livros III, V, VIII e X). Introduções e notas de Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000 (vol. I-II), 2001 (vol. III) e 2004 (vol. IV). 3 vol. (Clássicos Gregos e Latinos).
- MARTIAL. *Épigrammes*. Texte établi et traduit par H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1933 (1. ed.), 1961 (2. ed.). 3 vol.
- MARZIALE, M. V. *Gli epigrammi*. Trad. Cesare Vivaldi. Roma: Newton, 1993. (Grandi Tascabili Economici, nº 215).
- MENDES, Odorico. *Virgílio Brasileiro*. Paris: W. Remquet et c<sup>a</sup>, 1858.
- OVIDE. *Les Tristes, Les Pontiques, Ibis, Le Noyer, Halieutiques*. Traduction, introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier, 1937.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
- PIMENTEL, Cristina de Souza. Cf. MARCIAL. *Epigramas*.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Título francês: *Les plaisirs à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.)
- SULLIVAN, J. P. *Martial: the unexpected classic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- VALÈRE MAXIME. *Actions et Paroles Mémorables*. Traduction nouvelle de Pierre Constant. Paris: Garnier, s.d. 2 vol.

